



## Uma discussão sobre a inter-relação Comunicação e Educação

Angela Schaun

**Resumo:** O texto busca discutir alguns temas emergentes sobre a inter-relação entre Comunicação e Educação e tem por objetivo propor novos conceitos para colaborar com a perspectiva de compreender os limiares e interfaces existentes entre ambas enquanto áreas do conhecimento no mundo atual. A proposta visa contribuir para um pensar de multiplicidades e trazer novas formas de cognição. Os princípios dessa inter-relação Comunicação e Educação visam: atuar em várias dimensões, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, comunicar além da ciência e da técnica, produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e, sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais.<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Comunicação - Educação - Discurso

**Abstract:** The text discusses some emergent issues related to the interface Communication-Education in contemporary world. It proposes some new concepts to enhance borders in both fields of knowledge, as the concept of multiplicity like a new way for cognition. The principles of interface Communication-Education aims: act in several dimensions, be a mediation point of integration and reflection, communicate beyond science and technique and produce ethical, aesthetical e political discourses, related to transformation e inclusion.

**Key words:** Communication - Education - Discourse

**Resumo:** O texto busca discutir alguns temas emergentes sobre a inter-relação entre Comunicação e Educação e tem por objetivo propor novos conceitos para colaborar com a perspectiva de compreender os limiares e interfaces existentes entre ambas enquanto áreas do conhecimento no mundo atual. A proposta visa contribuir para um pensar de multiplicidades e trazer novas formas de cognição. Os princípios dessa inter-relação Comunicação e Educação visam: atuar em várias dimensões, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, comunicar além da ciência e da técnica, produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e, sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais.<sup>2</sup>

**Palavras clave:** Comunicación - Educación - Discurso

**Angela Schaun** é Jornalista, Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (2001), coordenadora do Centro de Pesquisa e Extensão do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Avaliadora do INEP-SINAES-MEC.

A questão da interdiscursividade foi tratada pelas ciências humanas desde quando a produção deste conhecimento redirecionava a posição do homem de sujeito do saber e deslocava-o para objeto de saber.

Este movimento irá produzir o que Rodrigues (1997) conceitua como sendo uma *inflexão normalizadora*, a qual produz uma inclinação do seu projeto voltada às demandas legitimadoras do poder, assim como reprodutoras do *senso comum* e do *bom senso* e das *tarefas terapêuticas*. Este efeito, explica o autor, reduz “o próprio discurso das ciências humanas a figuras, predominantemente, injuntivas, prescritivas e normativas”. Tal *discurso* irá desempenhar uma função alimentadora das novas modalidades do saber, inspirado no iluminismo, cuja natureza fundase em bases classificatórias e evolucionistas, “com suas metáforas redutoras deterministas, as metáforas dos discursos naturalistas, economicista, historicista e filológico”.

Este cenário discursivo da modernidade produzirá *l'avant-première* do que se convencionou chamar de tecnicismo, ou seja, a fragmentação do próprio discurso engendrado na modernidade. Uma pulverização e uma multiplicidade de saberes, bem como uma compartimentalização de universos e objetos, assim implodir mediante formas variadas de discursos e irão produzir um confronto entre as mais variadas disciplinas como também no âmbito de uma mesma disciplina. A partir desta nova configuração, instaura-se o conflito discursivo de base inter e intradisciplinar.

Michel Foucault no seu clássico “As palavras e as coisas” (1966), problematiza esta questão, partindo do conceito de uma *tríplice bipolaridade*, baseando-se nas principais correntes da teoria sociológi-

ca: a materialista, a culturalista e a economicista.

Esta construção epistemológica tripolar é como edifícios e suas paredes que abrigam a ingerência do político na ordem científica, onde o poder exige a ordem que o saber legitima. Assim, a submissão do saber legitimando o poder, produzirá a tecnização das ciências humanas que vão abrigar o novo modo de organização das sociedades contemporâneas; vale dizer que a ordem científica do saber no seio da modernidade converte-se em poderosos discursos instrumentalizadores da legitimação do político e do econômico.

Rodrigues (Op. cit.) descreve este contexto afirmando que tal submissão engendra:

[...] dispositivos de confirmação das suas opções de convencimento dos contraditores, de orientação das escolhas a fazer entre opções contrárias concorrentes, como, sobretudo, mecanismo ou serviço da rentabilização dos seus empreendimentos, de normalização dos efeitos perversos de atos e de re-centralização dos espaços marginais. Confundem-se, assim, hoje, facilmente, ciências humanas com técnicas de sondagem, com estudos de audiência, de públicos e de mercados, com instrumentos de peritagem, com engenharia psicossociológica, com futurologia eleitoral, com modalidades clínicas de consultoria e de testagem.

A problemática instaurada por Foucault encontra eco em Marcuse, analisado por Gilles Châtellet (1998), para quem Marcuse antecipa a roupagem cognitiva e ético-neurônica contemporânea, quando afirma:

[...] Podemos falar numa Tríplice Aliança política, econômica e cibernética, capaz de ‘se auto-organizar’ os potenciais explosivos das massas humanas de grandes dimensões e de conjugar a atuação de dois protótipos da pós-modernidade: o “homo economicus” — o cidadão Robson, egoísta e racional, átomo de serviços e consumos e decidido a otimizar ao máximo esses bens e serviços; e o “homo communicans”, o cidadão-termostato, habitante-bolha de um espaço ciber-simpático, sem conflitos nem dilemas sociais arcaicos, que se felicita por

existir apenas como tência cibernética sob perfusão de “inputs” e vomitando “outputs” .

### **Sobre Comunicação**

A questão comunicacional emerge na contemporaneidade a partir da prática discursiva das estratégias dos jogos de linguagem reguladores dos antagonismos de interesses múltiplos heterogêneos e multifacetados. A fragmentação do discurso é ela mesma legitimadora do pensamento científico, assim como a comunicação o é enquanto moldura epistêmica, cujo destino busca dar conta da produção fluida e plural das estratégias discursivas que se assemelham às regras da “bricolagem”, jogos jogados no espaço público, enquanto desenraizamento da experiência coletiva (Sennett, 1979 e Habermas, 1987 e 1990).

Em contraste com as idéias até aqui expostas, Pierre Lévy (1998) faz a apoteose da *revolução virtual*. A propósito da cibercultura, Lévy decreta que esta “é hoje herdeira legítima das idéias progressistas do iluminismo”. Numa linha que poderíamos denominar de anunciativa, assim como o arauto não da cibercultura, mas diferentemente do contexto ôntico da cultura, posiciona-se missionariamente em favor das tecnologias avançadas, como elas mesmas constituidoras da iluminação humanística, elas, as tecnologias avançadas, como líderes mundiais do lugar dos homens. Profetiza Lévy (1998):

A realização quase técnica dos ideais na modernidade coloca em evidência imediata seu caráter não irrisório, mas parcial, insuficiente. Pois está claro que nem a informática pessoal nem o ciberespaço, por mais generalizados que sejam entre o conjunto dos seres humanos, resolvem, por sua simples existência, os principais problemas da vida em sociedade. É verdade que concretizam de maneira prática as novas formas de universalidade, fraternidade, de estar juntos, de

reapropriação pela base dos instrumentos de produção e de comunicação. Mas, ao mesmo tempo, eles desestabilizam rapidamente (e freqüentemente de maneira violenta) as economias e as sociedades. Ao mesmo tempo em que deossam os antigos poderes, participam da criação de poderes novos, menos visíveis e mais instáveis, mas não menos virulentos.

Combinar *universalidade, fraternidade e estar juntos* com *reapropriação, desestabilização e virulência* são assim como digitar um hipertexto indeterminado na sua própria essência, afetado não apenas pelo indeterminismo, mas pelo próprio desequilíbrio. Desequilíbrio que se instala entre o vácuo da informação direta dos nossos sentidos e a informação mediatizada das tecnologias avançadas. Lévy hipervaloriza a nova dimensão da realidade e parte para um delírio, conforme descreve Virilio (Op. cit.):

Terminamos por transferir nosso julgamento de valor, nossa medida das coisas, do objeto para a sua figura, da forma para a sua imagem, assim como dos episódios de nossa história para sua tendência estatística, de onde o grande risco tecnológico de um delírio generalizado de interpretação.

A questão comunicacional, portanto, transita neste pântano invisível, transparente, entre linguagens e palavras, discursos e falas, abrindo, ainda, a discussão de uma nova dimensão da realidade, propiciada pela velocidade da luz. McLuhan (1964) é quem primeiro estabelece esta dimensão no campo da mídia ao propor o conceito de *luz como informação pura*. No seu conceito de que *o meio é a mensagem*, está inexoravelmente contida a substituição da palavra *matéria* por *luz*, donde a percepção muda igualmente passando a se constituir em apercepção. Esta mudança de escala de visibilidade e dos sentidos é retomada por Virilio na configuração de “O Espaço Crítico” (1993). Ele prenuncia:

[...] se a velocidade é a luz, toda a luz, então a aparência

é o que se move, e as aparências são transparências momentâneas e enganosas, dimensões do espaço que não passam de aparições fugitivas, assim como as figuras, os objetos percebidos no instante do olhar, *este olhar que é a um só tempo, o lugar e o olho*". Este olhar-lugar, ao ganhar a velocidade da luz, perde a sua própria corporeidade, sua volumetria como espacialidade concreta dos mitos e dos ritos do passado.

Como diz Baudrillard, (1995):

A leitura de uma tela é completamente diferente da leitura do olhar. É uma exploração digital em que o olho circula segundo uma linha constante [...] e, se caímos com tanta facilidade nessa espécie de coma imaginário da tela, é por que ela traça um vácuo perpétuo que somos solicitados a preencher. Proximia das imagens, promiscuidade das imagens, pornografia tátil das imagens. Esta imagem está, porém, a anos-luz. É sempre uma tela-imagem. Está situada a uma distância muito especial que só se pode definir como *intransponível pelo corpo*. A distância da linguagem do palco, do espelho é transponível pelo corpo, é por aí que ela permanece humana e se presta à troca. A tela é virtual, logo é intransponível. Por isso ela se presta a essa forma abstrata, definitivamente abstrata, que é a comunicação.

Presenciamos, assim, a constituição de um novo espaço discursivo que não vem atender apenas à necessidade de reprodução e legitimação de saberes, mas que passa a empreender uma autonomização completa em relação à vida social; trata-se do campo discursivo dos media (Rodrigues, op. cit.).

O que conhecêramos como cultura de massa, não é mais um fenômeno de representação da *middle-cult* em escala industrial, tampouco a ideologização dos meios de produção que se tornou Indústria Cultural, mas uma forma nova de escrita, ou seja, um fenômeno que inscreve uma nova forma não apenas de produzir, mas de *recepcionar* a cultura.

A revolução científica e industrial, engendradora, sobretudo a partir da revolução dos transportes e das transmissões, promoveu inicialmente uma transformação radical da empresa artesanal das aparências, fundada na volumetria geométrica, pictórica e arquitetônica.

De acordo com Virilio (op. cit.), esta

transformação se processa na medida em que “Fábrica de velocidade e, portanto de luz, esta se tornou subitamente *projeção cinemática da realidade*, fabricação de mundo, de um mundo de imagens artificiais, *montagem de seqüências em que a ótica da ilusão motora renova a de ilusão ótica...*” A partir dessa gênese do universo “*transforma-se o espelho num corredor, um lugar de passagem obrigatória*”.

Este corredor-passagem é o novo espaço que abriga dimensões recém constituídas como *hiperespaço e hipervolumes, hipertextos*, num contínuo presente donde a noção de *interface* se generaliza.

A possibilidade de interlocução entre diferentes campos de saberes pode revelar a transversalidade da produção de conhecimentos científicos sobre questões que envolvem a comunicação e a educação, que necessitem de reflexões teóricas, de unidades com práticas acadêmicas separadas e departamentalizadas, mas não de todo distintas.

Em particular, a investigação parte de pressupostos já dados, do ponto de vista da discussão epistemológica a respeito de paradigmas que surgem com a pós-modernidade. A este respeito, vale resgatar a problematização sintetizada por Lyotard (1986), a propósito da legitimação do discurso, enquanto prática narrativa de poder e do discurso científico, em particular:

O consenso tornou-se um valor ultrapassado, e suspeito. A justiça, porém, não o é. É preciso então chegar a uma idéia e a uma prática da justiça que não seja relacionada ao consenso. [...] O reconhecimento da heterogeneidade dos jogos de linguagem é um primeiro passo nesta edição. Ela implica evidentemente a renúncia ao terror, que supõe e tenta realizar sua isomorfia. O segundo é o princípio de que, se existe consenso sobre as regras que definem cada jogo e os ‘lances que aí são feitos, este consenso *deve* ser local, isto é, obtido por participantes

atuais e sujeito a uma eventual anulação. Orienta-se então para as multiplicidades de metargUMENTAÇÕES versando sobre metaprescritivos e limitadas no espaço.

Os parâmetros norteadores da investigação vão ao encontro dessas discursividade que se constitui múltipla, metargUMENTATIVA e metaprescritiva, mas, sobretudo que se realiza ou *deve ser local*. Este fundamento poderá incrementar algumas bases para o debate que se pretende instaurar, principalmente pelas características comunicacionais com e no âmbito educativo, e que são construídas, portanto, eminentemente culturais.

O moto contínuo que envolve a questão corresponde as constantes mutações das interações sociais, a partir de uma concepção de *contratualidade social temporária e sem compromisso*, onde são atores as relações profissionais, afetivas, sexuais, culturais, familiares e transnacionais.

Os fundamentos permanentes, base das sociedades modernas, fundadas no princípio do contrato social, são contraditados por essa nova contratualidade, como assinalam Negri e Hardt, Império, pág. 68:

[...] o que aparece não é uma nova racionalidade, mas um cenário de atos racionais, diferenciados - um horizonte de afetividades, resistências, vontades, desejos que rechaçam a ordem hegemônica, propondo linhas de fuga, forjando itinerários constitutivos alternativos.

Esses autores propõem uma *utopia de liberação*, baseado “na cooperação produtiva da intelectualidade de massas, das redes afetivas, na produtividade da biopolítica pós-moderna. Essa militância transforma a resistência em contra poder e troca a rebelião por um projeto de amor”. Pág. 571.

As sociabilidades são tremendamente afetadas pela informatização, instrumento de regulação e controle do mercado, regido pelo princípio do

desempenho, afetando radicalmente a produção do próprio saber. Este novo formato social engendra uma espécie de terror implícito e tácito, invisível e disseminado. Vive-se a democracia global através da imagem, a politização total dos argumentos, e a total despolitização do social, pois o social está em tudo.

Os jogos de linguagem convertendo-se em jogos de informação e liberação, discussão contida nos pressupostos da pós-modernidade, explicitados por Lyotard (1986), significando:

Jogos de informação completa no momento considerado. Mas eles serão também jogos de soma não nula e, nesse sentido, as discussões não correrá o risco de se fixar jamais sobre posições de equilíbrio mínimo, por esgotamento das disputas. Pois as disputas serão então constituídas por conhecimentos (ou informações) e a reserva de conhecimentos, que é a reserva da língua em enunciados possíveis, é inesgotável. Uma política se delineia na qual serão igualmente respeitados o desejo de justiça e o que se relaciona ao desconhecido.

### **Sobre Educação**

Abordar a Teoria da Educação enquanto conceito é tema para inúmeras interpretações. O objetivo dessa colocação preliminar é estabelecer um referencial de partida abrindo espaço para a construção do tema, na inter-relação proposta.

Há três acepções consideradas clássicas para a abordagem da questão conforme John Dewey (1968). Todas se referem à Educação enquanto âmbitos de pensamento, ou três espaços articulados entre si: a rua, a profissão e a academia: :

·A Rua — refere-se às estruturas simbólicas e conceituais com as quais os homens costumam tomar as suas decisões educacionais. Neste âmbito, analisa-se a tradição pedagógica da cultura;

·A Profissão — diz respeito às representações intelectuais formada por materiais heterogêneos,

com os quais os profissionais do ensino interpretam situações pedagógicas específicas. Este campo analisa as teorias pessoais dos agentes educativos;

·A Academia — denominam-se as organizações de conceitos educacionais construídas mediante a aplicação de critérios e regras de epistemologia voltada aos campos de objetos do conhecimento educacional. Este aspecto pretende dar conta da construção de ciência.

Apesar de nada ter a ver com uma racionalidade específica para cada um dos âmbitos mencionados, parece que o primeiro conceito consegue estender um pano de fundo onde poderá vir a se estabelecer a problemática específica da comunicação e educação.

Carrasco e Dujo (1996) estabelecem uma interessante descrição sobre os aspectos subjacentes aos processos educacionais, cujos princípios inspiram o âmago da discussão a respeito da inter-relação comunicação/educação nas tessituras cultural:

[...] a expressão Teoria da Educação torna explícitos alguns dos processos que subjazem ao que parece ser o denominador comum de todas aquelas acepções, a idéia de representação conceptual de fenómenos, sucessos, acontecimentos ou processos reais. [...] As perguntas sobre educação inquiram sobre aspectos setoriais do Universo, aqueles nos qual o homem e a sociedade são os elementos mais relevantes. A educação é, pois, tomada em seu conjunto, com um acontecimento do Universo.

Nesse prisma, pode-se discorrer sobre algumas considerações iniciais em relação à intervenção educativa, enquanto ação sociocultural, plasmada num discurso crítico a respeito do presente, ou seja, das sociabilidades representativas de um determinado processo histórico. Referências a este respeito são feitas por Carrasco e Dujo (1996):

A ação educativa funciona como um mecanismo

mediante o qual se reproduz em cada geração o ordenamento que contém os sócios-tipos humanos (organização social no espaço e tempo concretos) e se transmite o capital cognitivo que se estima requerido para o cumprimento das regras e funções sociais, assim como para o estabelecimento do discurso crítico que permite a mobilidade e as mudanças nas sociedades. Nesta perspectiva, educação traduz o conceito de socialização. [...] Porém há uma clara dimensão pessoal de desenvolvimento de potencialidades, de equilíbrio e resistência ao rompimento, de capacidade de recomposição e, se levamos em consideração as representações da linguagem ordinária, também contém certo padrão de excelência, qualidade e distinção, de valor e qualidade de comportamento.

Este processo inspira-se em Paulo Freire (1981), cuja filosofia assenta-se em princípios éticos bem explícitos:

Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização. Como a educação é um processo específico e exclusivamente humano. [...] Homens e mulheres, pelo contrário, podendo romper esta aderência e ir mais além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é assim um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.

Ao enunciar a palavra comunicar-se, Freire assume o entendimento de uma filosofia educacional necessária e irrevogavelmente voltada para a comunicação entre os homens, no âmago da construção de devires, e inspirada nas experiências culturais. O pensamento freireano obteve difusão e repercussão mundial, e hoje é dos mais difundidos, pois abriga a proposta de que a Educação deve ser um processo revelador e habilitador, uma permanente descoberta, um movimento e um embate para e pela liberdade. Na inter-relação comunicação/educação, pois, coloca-se esta perspectiva da crítica e do pensar contínuo a transformação social.

Nós nos tornamos hábeis para imaginativa e curiosamente “tomar distância” de nós mesmos, da vida que portamos, e para nos dispormos, a saber, em torno dela. Em certo

momento não apenas *vivíamos*, mas começamos, *a saber*, que vivíamos, daí que nos tivesse sido possível saber que sabíamos, e, portanto, saber que poderíamos saber mais. O que não podemos como ser imaginativo e curioso, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos *existir* sem nos integrar sobre o amanhã, sobre o que virá a favor de que, contra que, a favor de quem, contra que virá: sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o “inédito viável” demandando de nós a luta por ele. (grifos do autor) (Freire, 1992).

O sentido de “inédito viável” tem a ver com o rompimento das barreiras, as quais Freire denominou de aderências na obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), a ruptura das situações-limites e limitadas do ser-menos, (do oprimido), como ele denomina e cita o que Fanon chamou de colocar-se “fora”. Tal rompimento também indica que não basta a consciência e a crítica da realidade que devem estar intrínsecas ao processo pedagógico, mas que é preciso sonhar para transformar a realidade, o que ele conceitua como, *ser - mais* equivale a dizer ir além, libertando-se das aderências, buscar e criar o devir.

Mais recentemente, Edgar Morin (1997) vem propondo o repensar da educação a partir do que ele próprio considera como os grandes paradigmas humanos: incerteza cognitiva e incerteza histórica.

Morin argumenta que conhecer e pensar “não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”. A sua argumentação é no sentido de que o conhecimento que é compreensível baseia-se sobre a empatia e a comunicação, ligando as Emoções para abrir-se em direção ao complexo.

Sem dúvida, seu raciocínio conduz aos sentidos e às possibilidades sempre infinitas de aprendizagens permanentes, inspiradas nas transdisciplinaridades e nas circularidades, nas invasões e migrações interdisciplinares. Sua linha pretende levar a uma reformulação do pensamento

disciplinar e categorial dos sistemas educativos.

Mas é em Deleuze e Guattari (Ibid.) que encontramos uma possibilidade mais radical a respeito da questão da educação nos seus intermeios comunicativos. Para eles, “a máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenada semióticas com todas as bases duais da gramática”. Nesse limiar tênue, pensamos, pode perpassar a inter-relação Comunicação/Educação.

A Inter-relação Comunicação/Educação Da Emergência a uma Mediação Possível [...] falar em informação implica estudar as profundas razões que trabalham a representação simbólica, como é o caso dos meios de comunicação e o sistema de educação.(SOARES, 1989).

O paradigma da educação no seu estatuto de mobilização, divulgação e sistematização de conhecimento, implica acolher o espaço inter-discursivo e mediático da comunicação como produção e veiculação da cultura, fundando um novo *locus*: o da inter-relação comunicação/educação.

O desenvolvimento tecnológico, mais especificamente, o avanço dos meios de comunicação, desenvolveu um campo novo de convergência de saberes, em que o percurso da educação para a comunicação, ou da comunicação para a educação passou a ser um campo que perpassa as diversidades aparentes.

A inter-relação comunicação/educação ganhou densidade própria e se afirma como um campo de intervenção social específico. Esta é a conclusão a que chegou o grupo de pesquisadores coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, do NCE — Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, em pesquisa realizada entre 1997/98, atualizada em 2000, conforme mencionado em início

deste trabalho.

Do lado da educação, como uma referência básica, este processo tem sua genealogia em educadores e pensadores como Paulo Freire (1981), sua filosofia assenta-se em princípios éticos bem explícitos:

[...] a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente... Como a educação é um processo específico e exclusivamente humano [...] homens e mulheres, pelo contrário, podendo romper esta aderência e ir mais além de mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é assim um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.

Do lado da comunicação, Walter Benjamin, (1940) é o filósofo mais referido mundialmente, pois ao buscar a perspectiva compreensiva, acolhe todas as experiências originárias e distingue os novos aspectos das coisas, libertando-se das aparências, faz com que o conhecimento individual seja o mais universal:

Em grandes épocas históricas altera-se, com a forma de existência coletiva da humanidade, o modo de sua percepção sensorial. O modo em que a percepção sensorial do homem se organiza — o médium em que ocorre — é condicionado não só naturalmente, como também historicamente.

Tomando como parâmetro as questões aqui colocadas, percebe-se que segmentar e compartimentalizar a perspectiva do saber humano, enclausurando-o em disciplinas proibidas de comunicarem-se, não demonstrou ser uma perspectiva eficaz fazendo roer e tombar o projeto iluminista da Universidade.

A mediação é a perspectiva possível de interpretar e retroalimentar esse processo crônico de segmentação do indivíduo, redução de suas possibilidades enquanto homem político, na realidade contemporânea dominada pelos mass media. Jesús Martín-Bar-

bero (2000) sistematiza essa questão relatando inúmeras experiências encontradas na América Latina, como mediações dos organismos sociais e das comunidades diante dos estímulos do campo dos media. De quando emerge a questão da inter-relação comunicação/educação tem-se pouco visível um campo de intervenção social por conta da característica mesma de inter-relacionalidade. As ações daqueles que atuam nesse campo são permeadas por uma tentativa de suprir um espaço de dialogicidade, e buscam integrar os vários compartimentos do discurso educativo do saber, numa perspectiva de juntar aquilo que foi separado ao longo da história. A questão reside em integrar no indivíduo o único espaço possível para o resgate e a realização da sua dignidade.

As motivações que levam profissionais do mundo inteiro a trabalharem na junção comunicação/educação são permeadas pelas utopias sociais. Os *edcomunicação*, como passam a ser conhecidos, são indivíduos que acreditam na mediação da comunicação *com e para* a educação enquanto ação política de intervenção no social fragmentado e complexo da pós-modernidade, estruturado na lógica do poder econômico financeiro internacional e do fenômeno da globalização.

Inspirando-se nesses sentidos, e buscando uma permanente reflexão da realidade, pode-se definir que a inter-relação comunicação/educação está constituindo um novo campo de intervenção social, denominado de Educomunicação.

Este campo caracteriza-se pelas atividades de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos, sempre voltadas para uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, atuando

no âmbito do ensino formal (cursos fundamental, médio, superior, formação de professores para o exercício de uma Pedagogia da Comunicação) e não-formal (organizações e instituições da sociedade civil), nas empresas, nos meios de comunicação (grandes meios, emissoras educativas e comunitárias de rádio e televisão), nos movimentos populares, nas organizações não governamentais. Eles atuam junto a públicos diversos e específicos, de todas as faixas etárias e grupos sociais minoritários e/ou socialmente excluídos ou estigmatizados.

Em última instância, trata-se de uma ação política, voltada para o aporte de uma consciência ética e uma pragmática direcionada para as transformações da sociedade. O que sustenta a ação educacional é uma releitura das utopias sociais impulsionadas pela motivação transformadora do status quo, esta motivação mantém a visão de futuro, saindo da fragmentação hiperestimulada do mercado, esta entidade obscura e dominadora que ganha ênfase sempre que não são respondidas as ansiedades inclusivas do social.

A ação política se firma em dois grandes postulados: a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social (onde toda e qualquer discriminação e exclusão deve ser banida), e a concretização de utopias sociais, mais claramente postas no campo da ecologia, de uma educação de qualidade e de uma comunicação participativa e democrática.

Comunicação propõe a credulidade no ser humano, seu permanente embate e encontro com o outro. A alteridade é o substrato constitutivo da educação, que visa relações sociais mais humanizadas, acredita na transformação do indivíduo e da sociedade, na descoberta de novos caminhos

para a resolução colaborativa de problemas, e, sobretudo, na criação inovadora de olhares diferenciados sobre o cotidiano.

A comunicação é fator prioritário para o processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo respeitando-se as diferenças, e valorizando a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social.

Retomar o processo educativo como espaço público privilegiado da atualidade é pensar politicamente, é interagir de forma multidisciplinar e multimidiática, buscando-nos diversos territórios a superação de dificuldades, o talento e o diferencial cultural das comunidades.

Nesse momento onde a crise já não configura um estado de mudança, pois é uma permanência, onde todos os parâmetros nos fazem crer em uma inelutável impotência do papel histórico da Universidade diante da dispersão, da complexidade dos problemas, e da velocidade imposta pelas novas tecnologias, pergunta-se: Como deslocar a imobilidade? Como falar e para quem falar?

Alguns desafios poderão ser pensados no âmbito de atuação e de intervenção social de cada um dos agentes e profissionais que trabalham e refletem sobre uma nova função da Universidade no contexto da mediação comunicação/educação. Pensamos no desafio de transformar a força destrutiva da dispersão em forma criativa de capilaridade, atuando, por exemplo, em projetos de intercâmbios via Internet.

Hoje, já são inúmeros os projetos liderados por educadores de todo o mundo atuando

pró - ativamente em sistemas de rede e de teleimersão, lastreados na infra-estrutura da Internet II.

O desafio de colocar a complexidade não como forma racional definitiva que reúne a síntese de tudo o que não pode ser pensado, mas pensá-la como início, como estímulo à desconstrução voltada permanentemente para uma nova construção multirefencial, como é o caso dos estudos culturais, ou das expressões artísticas.

Pensamos ainda num outro desafio que é lidar com o sentido de poder que adquiriu a velocidade, inaugurando uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço. A velocidade deve influir na capacidade de agir, de fazer, de experimentar novas formas de atuação, e não servir, uma vez mais, de elemento que paralisa as nossas possibilidades no tempo, pois o nosso tempo é agora, mas também é ontem e é amanhã.

Por último, mas não menos importante, coloca a questão do virtual. Este nome fetiche do nosso tempo deve ser compreendido na sua genealogia, ou seja, em todas as suas existências possíveis no tempo. O virtual sempre existiu e quem melhor conclui sobre isto é o grande Jorge Luis Borges (1998), sua literatura trafega por todos os tempos, seu mundo é essencialmente virtual, pois o mundo da literatura e de todas as demais artes é virtual, pois anuncia o tempo e o lugar da imaginação e do pensamento. Portanto, a importância que adquire o virtual baseia-se na mudança de suporte tecnológico, este sem dúvida poderá trazer novas formas de cognição. Uma pergunta a fazer.

Atuar dentro e fora dos muros, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, saindo do impasse, e, transita nos vários territórios,

comunicar não apenas os enunciados científicos e técnicos, mas produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais.

### **A Inter-relação Comunicação/ Educação Da Emergência a uma Mediação Possível**

O paradigma da educação no seu estatuto de mobilização, divulgação e sistematização de conhecimento, implica acolher o espaço interdiscursivo e mediático da comunicação como produção e veiculação da cultura, fundando um novo *locus*: o da inter-relação comunicação/educação.

O desenvolvimento tecnológico, mais especificamente, o avanço dos meios de comunicação, desenvolveu um campo novo de convergência de saberes, em que o percurso da educação para a comunicação, ou da comunicação para a educação passou a ser um campo que perpassa as diversidades aparentes.

A inter-relação comunicação/educação ganhou densidade própria e se afirma como um campo de intervenção social específico. Esta é a conclusão a que chegou o grupo de pesquisadores coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, do NCE — Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, em pesquisa realizada entre 1997/98, atualizada em 2000, conforme mencionado em início deste trabalho.

Do lado da educação, como uma referência básica, este processo tem sua genealogia em educadores e pensadores como Paulo Freire (1981), sua filosofia assenta-se em princípios éticos bem explícitos:

[...] a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente... Como a educação é um processo específico e exclusivamente humano [...] homens e mulheres, pelo contrário, podendo romper esta aderência e ir mais além de mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é assim um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.

Do lado da comunicação, Walter Benjamin, (1940) é o filósofo mais referido mundialmente, pois ao buscar a perspectiva compreensiva, acolhe todas as experiências originárias e distingue os novos aspectos das coisas, libertando-se das aparências, faz com que o conhecimento individual seja o mais universal.

Em grandes épocas históricas altera-se, com a forma de existência coletiva da humanidade, o modo de sua percepção sensorial. O modo em que à percepção sensorial do homem se organiza — o médium em que ocorre — é condicionado não só naturalmente, como também historicamente.

Tomando como parâmetro as questões aqui colocadas, percebe-se que segmentar e compartimentalizar a perspectiva do saber humano, enclausurando-o em disciplinas proibidas de comunicarem-se, não demonstrou ser uma perspectiva eficaz fazendo roer e tombar o projeto iluminista da Universidade.

A mediação é a perspectiva possível de interpretar e retroalimentar esse processo crônico de segmentação do indivíduo, redução de suas possibilidades enquanto homem político, na realidade contemporânea dominada pelos mass media. Jesús Martín-Barbero (2000) sistematiza essa questão relatando inúmeras experiências encontradas na América Latina, como mediações dos organismos sociais e das comunidades diante dos estímulos do campo dos media. De quando emerge a questão da

#### Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. A sombra das maiorias silenciosas – o fim do social e o surgimento das massas. Trad.: Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- A transparência do Mal – Ensaio sobre fenômenos extremos. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Papirus, 1992.
- Da Sedução. Trad.: Tânia Pellegrini. São Paulo: Papirus, 1992.
- Écran total. Paris: Éditions Galilé, 1997.
- Para uma Crítica da Economia Política do Signo. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995.
- BENJAMIM, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. In: Obras escolhidas, vol.3. Trad.: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- Magia e técnica, arte

e política. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, vol. I.

BENJAMIN, HABERMAS, HORKHEIMER, ADORNO. Escola de Frankfurt. In: Os Pensadores. São Paulo: Civita 1983.

BORGES, Jorge Luiz. Obras Completas, vol. I. São Paulo: Globo, 1998.

CARRASCO, Joaquín García e DUJO, Ángel García. Teoría de la educación. Educación e acción pedagógica. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1996.

CHATÉLET, Gilles. Reler Marcuse para não viver como porcos. Folha de S. Paulo. Caderno MAIS. São Paulo: 09/08/1998.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol.1 Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

----- Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5 Trad.: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

----- Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.2 Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

----- Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.3 Trad.: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

----- O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Conversações, 1971-1990. Trad.: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed.34,

inter-relação comunicação/educação tem-se pouco visível um campo de intervenção social por conta da característica mesma de inter-relacionalidade. As ações daqueles que atuam nesse campo são permeadas por uma tentativa de suprir um espaço de dialogicidade, e buscam integrar os vários compartimentos do discurso educativo do saber, numa perspectiva de juntar aquilo que foi separado ao longo da história. A questão reside em integrar no indivíduo o único espaço possível para o resgate e a realização da sua dignidade.

As motivações que levam profissionais do mundo inteiro a trabalharem na junção comunicação/educação são permeadas pelas utopias sociais. Os *educadores*, como passam a ser conhecidos, são indivíduos que acreditam na mediação da comunicação *com e para* a educação enquanto ação política de intervenção no social fragmentado e complexo da pós-modernidade, estruturado na lógica do poder econômico financeiro internacional e do fenômeno da globalização.

Inspirando-se nesses sentidos, e buscando uma permanente reflexão da realidade, pode-se definir que a inter-relação comunicação/educação está constituindo um novo campo de intervenção social, denominado de Educomunicação.

Este campo caracteriza-se pelas atividades de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos, sempre voltadas para uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, atuando no âmbito do ensino formal (cursos fundamental, médio, superior, formação de professores para o exercício de uma Pedagogia da Comunicação) e não-formal (organizações e instituições da sociedade civil), nas empresas, nos meios de comunicação

1992.  
 DEWEY, John  
 (1968). Democracia e Educação – introdução à filosofia da educação. 3ª. Ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teirxeira. São Paulo. Nacional 1957.  
 FOUCAULT, Michel. A microfísica do Poder. Org.: Roberto Machado. Rio de Janeiro. Graal. 9ª ed. 1979.  
 ——— As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad.: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.  
 ——— Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1987.  
 FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos. Rio de Janeiro: 5ª ed. Paz e Terra, 1981.  
 ——— Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.  
 ——— Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.  
 LÉVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência – O futuro do Pensamento na Era da Informática. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.  
 LYOTARD, Jean-François. Lições sobre a analítica do sublime. Campinas-SP: Papirus, 1993.  
 ——— O Pós-Moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.  
 MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.  
 ——— Os deslocamentos do tempo e as novas topografias da memória. In: ARTELATINA; Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, novembro de 2000.  
 McLUHAN, Marshall. e FIORE, Quentin. O meio são as massa-gens. Trad.: Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro:

(grandes meios, emissoras educativas e comunitárias de rádio e televisão), nos movimentos populares, nas organizações não governamentais. Eles atuam junto a públicos diversos e específicos, de todas as faixas etárias e grupos sociais minoritários e/ou socialmente excluídos ou estigmatizados.

Em última instância, trata-se de uma ação política, voltada para o aporte de uma consciência ética e uma pragmática direcionada para as transformações da sociedade. O que sustenta a ação educacional é uma releitura das utopias sociais impulsionadas pela motivação transformadora do status quo, esta motivação mantém a visão de futuro, saindo da fragmentação hiperestimulada do mercado, esta entidade obscura e dominadora que ganha ênfase sempre que não são respondidas as ansiedades inclusivas do social.

A ação política se firma em dois grandes postulados: a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social (onde toda e qualquer discriminação e exclusão deve ser banida), e a concretização de utopias sociais, mais claramente postas no campo da ecologia, de uma educação de qualidade e de uma comunicação participativa e democrática.

A Educomunicação propõe a credulidade no ser humano, seu permanente embate e encontro com o outro. A alteridade é o substrato constitutivo da educomunicação, que visa relações sociais mais humanizadas, acredita na transformação do indivíduo e da sociedade, na descoberta de novos caminhos para a resolução colaborativa de problemas, e, sobretudo, na criação inovadora de olhares diferenciados sobre o cotidiano.

A comunicação é fator prioritário para o

Record, 1969.

——— Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad.: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar e reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.

——— Cultura de Massas no século XX. In: Neurose, vol. 1: Rio de Janeiro: Forense, 1990.

——— Cultura de Massas no século XX. Necrose, vol. 2: Rio de Janeiro: Forense, 1986.

——— Le Besoin: d'une Pensée Complexe. In: Représentation et Complexité. Org.: Candido Mendes. Agenda du Millenium. UNESCO. ISSC. EDUCAM, 1997.

NEGRI, Antonio e HARTD, Michael, Império, São Paulo, Companhia das Letras, 2001  
RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e Cultura – A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

——— Estratégias da Comunicação – Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade, Lisboa: Editorial Presença, 1997.

SENNET, Richard. O Declínio do Homem Público – as Tirânicas da Utilidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOARES, Ismar de Oliveira. A 'Era da Informação': tecnologias da comunicação criam novas relações culturais e desafiam antigos e novos educadores. In: Tecnologia Educacional, ABT. Rio de Janeiro: 22 (113-114): 11-19, jul./out. 1993.

——— A comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um

processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo respeitando-se as diferenças, e valorizando a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social.

Retomar o processo educativo como espaço público privilegiado da atualidade é pensar politicamente, é interagir de forma multidisciplinar e multimidiática, busca nos diversos territórios a superação de dificuldades, o talento e o diferencial cultural das comunidades.

Nesse momento onde a crise já não configura um estado de mudança, pois é uma permanência, onde todos os parâmetros nos fazem crer em uma inelutável impotência do papel histórico da Universidade diante da dispersão, da complexidade dos problemas, e da velocidade imposta pelas novas tecnologias, pergunta-se: Como deslocar a imobilidade? Como falar e para quem falar?

Alguns desafios poderão ser pensados no âmbito de atuação e de intervenção social de cada um dos agentes e profissionais que trabalham e refletem sobre uma nova função da Universidade no contexto da mediação comunicação/educação. Pensamos no desafio de transformar a força destrutiva da dispersão em forma criativa de capilaridade, atuando, por exemplo, em projetos de intercâmbios via Internet.

Hoje, já são inúmeros os projetos liderados por educadores de todo o mundo atuando pró - ativamente em sistemas de rede e de teleime-rsão, lastreados na infra-estrutura da Internet II.

O desafio de colocar a complexidade não como forma racional definitiva que reúne a síntese

novo campo profissional. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Temas Contemporâneos em Comunicação. São Paulo: EDICOM/INTERCOMA, 1997, p. 209-220.

----- A gestão da comunicação no espaço educativo. São Paulo: NCE/ECA/USP, 1998.

----- Comunicação & Neoliberalismo: vigência das políticas (alternativas) de comunicação. In: MARQUES DE MELO, José & BRITTERS, Juçara Gorski. A Trajetória Comunicacional de Luiz Ramiro Beltrán. São Paulo: PUNESCO/UMESP, 1998, p. 63-76.

----- Gestión de la comunicación en el espacio educativo (o los desafíos de la era de la información por el sistema educativo). In: GUTIERREZ, Alfonso. Formación del Profesorado en la Sociedad de la Información. España: Editora de la Universidad de Valladolid, 1998, p. 33.

----- Sociedade da Informação ou da Comunicação? São Paulo: Cidade Nova, 1996.

----- Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Ano 1. n. 2, jan./mar./1999, p. 64.

----- XXIII Intercom, Anais Congresso apresentado no GT Comunicação e Educação. Manaus, 2000.

TONI, Negri. Nações, Racismos e nova universalidade. In: Lugar Comum Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Rio de Janeiro: NEPCOM. Programa de Pós-Graduação ECO/UFRJ. n. 4, janeiro/abril. 1998, p. 45-52.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro. Ed.34 1993.

de tudo o que não pode ser pensado, mas pensá-la como início, como estímulo à desconstrução voltada permanentemente para uma nova construção multi-refencial, como é o caso dos estudos culturais, ou das expressões artísticas.

Pensamos ainda num outro desafio que é lidar com o sentido de poder que adquiriu a velocidade, inaugurando uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço. A velocidade deve influir na capacidade de agir, de fazer, de experimentar novas formas de atuação, e não servir, uma vez mais, de elemento que paralisa as nossas possibilidades no tempo, pois o nosso tempo é agora, mas também é ontem e é amanhã.

Por último, mas não menos importante, colocamos a questão do virtual. Este nome fetiche do nosso tempo deve ser compreendido na sua genealogia, ou seja, em todas as suas existências possíveis no tempo. O virtual sempre existiu e quem melhor conclui sobre isto é o grande Jorge Luis Borges (1998), sua literatura trafega por todos os tempos, seu mundo é essencialmente virtual, pois o mundo da literatura e de todas as demais artes é virtual, pois anuncia o tempo e o lugar da imaginação e do pensamento. Portanto, a importância que adquire o virtual baseia-se na mudança de suporte tecnológico, este sem dúvida poderá trazer novas formas de cognição. Uma pergunta a fazer.

Atuar dentro e fora dos muros, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, saindo do impasse, e, transitando-nos vários territórios, comunicar não apenas os enunciados científicos e técnicos, mas produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e, sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais.